



AMAZÔNIA: MITO, HISTÓRIA E FICÇÃO LITERÁRIA¹

Nataly Jollant

Université Sorbonne Nouvelle

Resumo: A literatura de viagem forneceu ao imaginário amazônico uma profusão de imagens que serviram de matéria para a ficção literária regional e para sua própria história ao longo dos séculos, principalmente no século XIX, momento em que as expedições de exploração se multiplicaram na região. A título de exemplo, podemos citar o mito do Eldorado, presente em vários relatos sobre a região, de Carvajal (1500-1584) a Henri Coudreau (1859-1899), e que foi tema de investigação de cientistas como La Condamine (1701-1774) e Humboldt (1769-1859), ou, ainda, do historiador Ferdinand Denis (1789-1992). O presente ensaio tem por objetivo analisar em que medida os imaginários sobre a Amazônia presentes nos relatos de viagem reverberaram na ficção regionalista do século XIX.

Palavras-chave: Amazônia; Imaginário; Literatura de viagem; Literatura regionalista.

Abstract: Travel literature has given to the Amazon imaginary a profusion of images that have been used for regional literary fiction and for its own history over the centuries, mainly during the 19th century, when exploration expeditions multiplied in the region. As an example, we can mention the Eldorado myth, present in several reports about the region, from Carvajal (1500-1584) to Henri Coudreau (1859-1899), which was the subject of research by scientists like La Condamine (1701- 1774) and Humboldt (1769-1859), or even by the historian Ferdinand Denis (1789-1992). This essay aims at analyzing in which way the imaginary about the Amazon present in the travel stories has reverberated in the 19th century regionalist fiction.

Keywords: Amazon; Imaginary; Travel writing; Literary regionalism.

¹ Este ensaio é o resultado de uma comunicação apresentada no segundo congresso da Associação de Brazilianistas na Europa, ocorrido na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2019.

No premiado ensaio intitulado *L'Amazonie: histoire, géographie, environnement*², publicado em 2019, o geógrafo François-Michel Le Tourneau afirma que “A Amazônia não existe” (2019: 7). Tal constatação nos convida a uma reflexão sobre as representações que fazemos dessa parte da América do Sul que, por abranger a maior floresta tropical e o maior rio do planeta, tornou-se um lugar de superlativos nos imaginários coletivos. Com efeito, sua história, sua geografia, sua literatura foram sendo moldadas ao longo dos séculos pelos e para os ocidentais. A Amazônia é, por assim dizer, uma invenção do Ocidente, como demonstra Neide Gondim (2007). Essa “invenção” é fruto de um trabalho historiográfico realizado por viajantes, exploradores, cronistas, missionário, militares, cientistas e escritores que desde o século XVI recorreram a vários mitos na criação de imagens da região.

Assim, a importância dos relatos de viagem para a geo-história amazônica é incontestável. As primeiras crônicas e narrativas dos viajantes relacionados à região concordavam em geral sobre um ponto: reproduzir representações que oscilavam entre visões edênicas ou avernais do mundo amazônico. Às imagens produzidas pelos viajantes, somam-se a cosmogonia e a mitologia indígenas e este conjunto de representações alimentou todo tipo de mitomania sobre a região. Através da análise de alguns mitos “amazônicos” contidos nas narrativas de viagens, este ensaio se propõe a examinar de que forma os mitos modelaram os imaginários sobre a Amazônia brasileira, contribuindo para a fixação de determinadas representações. Compreender em que medida tais representações serviram para alimentar a criação literária regional constitui outro de nossos objetivos.

1 Das origens do mito

Apreender a natureza equatorial amazônica e as suas especificidades revelou-se desde sempre tarefa das mais insidiosas para os europeus. No esforço de aproximá-la de uma realidade que lhes fosse inteligível, abordaram-na muitas vezes através das lentes

² O autor foi agraciado com prêmio Sophie Barluet 2019 pela qualidade do ensaio.

de mitos. De fato, o processo de criação dos imaginários ocidentais sobre a Amazônia muito deve aos mitos medievais europeus. É também tributário da mitologia indígena. Desse encontro, outros mitos foram surgindo ou sendo atualizados e se transformaram em elementos indissociáveis dos estudos quer históricos quer literários que visam compreender a construção dos imaginários nacionais e estrangeiros relacionados à região.

A propósito do imaginário, convém destacar que ele se origina ao mesmo tempo no domínio das experiências vividas, da imaginação e do simbólico. Termo heterogêneo e heteróclito, será aqui abordado através da definição desenvolvida por Jean-Jacques Wunenburger: “o imaginário é um conjunto de produções mentais ou materializadas em obras, baseadas em imagens visuais (quadros, desenhos, fotografia) e linguagem (metáfora, símbolo, narrativa); formando conjuntos coerentes e dinâmicos” (2016: 10, nossa tradução). Verdadeiro museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas ou a produzir, o imaginário se alimenta de imagens pessoais (memórias, lembranças), de imagens culturais (idioma, história etc.), e de imagens universais (arquétipos como fogo e a água). (Durand, 1994:3)

Dentro desse conjunto de imagens, os mitos têm uma importância peculiar, pois são imbuídos de uma função pedagógica. Convém destacar as três principais características relacionadas ao mito: 1- o mito conta algo, ou seja, é uma narrativa, 2- ele explica as causas no sentido etiológico do termo, 3 - ele revela, revela o ser ou o deus. Levando em consideração estas funções, Pierre Brunel elaborou duas categorias que nos servirão de aparato teórico: o mito etno-religioso que, segundo ele, é uma narrativa fundadora, anônima ou coletiva, que mergulha o presente no passado e é tida por verdadeira. E o mito literário, que não funda nem instaura mais nada, e não é tido como verdade (1994: 12). Em comum, ambos partilham a mesma natureza de construção simbólica.

A análise de um mito em particular, o mito das Amazonas, permite-nos compreender na prática como essas concepções se aplicam às representações da Amazônia. Tomemos como exemplo um dos episódios mais conhecidos das crônicas e

narrativas de viagem datando do século XVI, registrado pelo padre dominicano Gaspar de Carvajal (1504-1584). A passagem sobre as guerreiras Amazonas descreve um encontro entre índios e espanhóis que resultou em combate. O autor assinala a sua presença durante o conflito, o que confere à narrativa um testemunho inédito, pois ele foi pioneiro ao descrever um contato “real” entre as Amazonas e os europeus.

Esse contato estabeleceu as bases para uma versão equatorial do mito das Amazonas. Mito de origem tão multiforme quanto equívoca, já figurava no imaginário europeu desde a antiguidade clássica e chegou à Idade Média sem perder a sua força³. Os imaginários dos povos autóctones da América também dão conta da presença de mulheres guerreiras. Desse encontro ocorreu o fenômeno de “contaminação” assinalado por Frank Lestringant. Quer isto dizer que ao mito europeu das Amazonas se sobreporia um mito indígena muito próximo⁴ (1991: 106).

Considerando as categorias propostas por Pierre Brunel, fica evidente que entre alguns povos indígenas o mito etno-religioso se perenizou, uma vez que a existência de mulheres guerreiras se faz ainda presente no imaginário de certas tribos amazônicas. Basta lembrarmos das histórias contadas por um índio Taulipang e coletadas pelo antropólogo Théodor Koch-Grünberg (1872-1924) no início do século XX sobre as mulheres sem homens (1953: 127-128); ou ainda da figura de Jurupari, entidade masculina destinada a colocar ordem num mundo regido por mulheres. O historiador e folclorista Câmara Cascudo (1898-1986) recolheu uma versão desse mito nos idos dos anos 1950 (1954: 343-344). Por fim, na virada do século XX ao XXI, Betty Mindlin, no livro intitulado *Moqueca de Maridos* (1997), traz à luz vários relatos indígenas afirmando a existência de mulheres guerreiras no vale do Amazonas.

³ Como exemplo, Homero (VII a.C) na *Iliada* descreve mulheres guerreiras combatendo ao lado dos troianos. Dentre seus doze trabalhos, Hércules teve de se apropriar do cinturão de Hipólita, que reinava sobre as Amazonas. Para o grego Heródoto (484-420 a.C), tribos de mulheres guerreiras habitavam nas estepes entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Tácito (55-120 d.C), no livro *Germania*, descreve os Sitões, um povo governado por uma mulher.

⁴ Para chegar a essa conclusão, o historiador se valeu do segundo volume da tetralogia *Mythologiques* de Claude Lévi-Strauss, que atesta, segundo ele, a presença do mito através de várias versões Apinayé, Carib e Warrau.

No caso do imaginário europeu, o mito das Amazonas se tornou pouco a pouco literário. Tal transformação passou pelas narrativas de viagem. As publicações do cientista francês Charles de La Condamine (1701-1774), por exemplo, participaram desse processo. Em 1745, na sua obra *Relation Abrégée d'un Voyage Fait à l'Intérieur de l'Amérique Méridionale*, ele afirma ter tratado com minúcia a questão das Amazonas equatoriais e defende a hipótese segundo a qual a bacia amazônica havia sido habitada por mulheres guerreiras, mas com o tempo elas foram perdendo seus usos e costume.

Quase um século mais tarde, o explorador prussiano Alexandre von Humboldt (1769-1859) buscou igualmente esclarecer a polêmica em torno da existência das Amazonas nas américas. No livro *Examen Critique de l'Histoire et de la Géographie du Nouveau Monde*, ele conclui: “a ficção das Amazonas pertence ao círculo dos devaneios e das ideias”. (1836: 336, nossa tradução); constatação compartilhada pelo historiador e primeiro brasilianista francês, Ferdinand Denis (1789-1892), que em 1843 afirmou: “o século XIX que vai desfazendo todas as tradições, venceu o mito das Amazonas pela força da razão”. (1843: 146, nossa tradução).

Assim, se considerarmos tal como François Lissarrague e Pauline Schmitt-Pantel que “não existe um imaginário geral, e que toda representação é historicamente situada num momento preciso e numa dada cultura”. (2008: 44, nossa tradução), a análise da construção das representações das Amazonas no tempo e no espaço, permite-nos compreender o papel das narrativas de viagem como suporte de propagação e de consolidação dos imaginários. Outro mito que muito influenciou a construção de um imaginário nacional e estrangeiro sobre a Amazônia foi o mito do Eldorado, como veremos a seguir.

2 O “Eldorado amazônico”

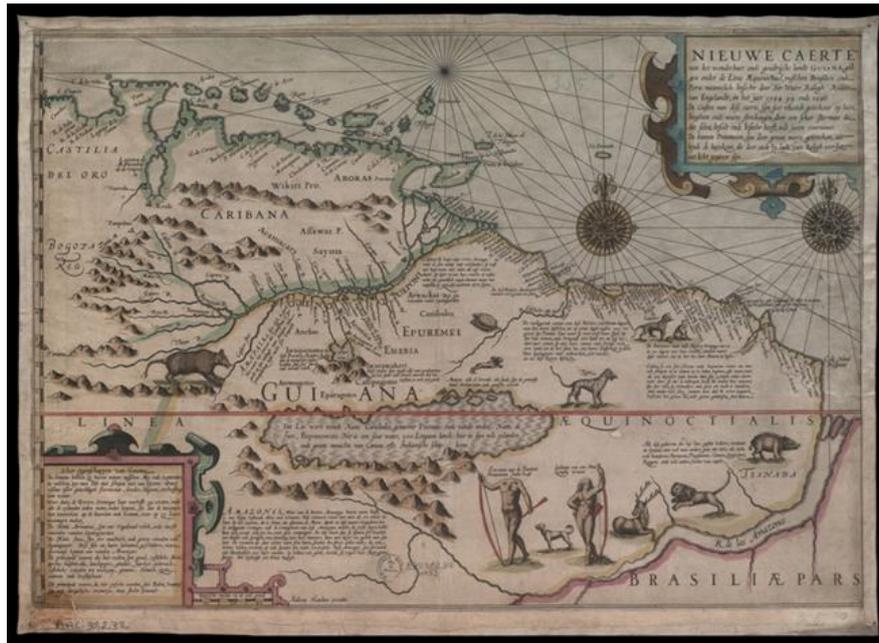
Dos componentes que servem para explicar a colonização europeia, principalmente portuguesa, na Amazônia, Artur Cesar Ferreira Reis destaca dois: “Cristãos e pimenta” (1956: 46). Trata-se evidentemente da conquista espiritual dos povos autóctones e da conquista econômica que representava o comércio de especiarias da região, além do ouro e da prata, quase sempre aludidos nas narrativas de viagem.

Apropriar-se dessas riquezas se tornou desde sempre uma obsessão europeia, fato que levou várias expedições à Amazônia e, com elas, a propagação de um mito fundador, o mito do Eldorado.

Na origem do mito encontra-se a busca por uma cidade de ouro iniciada pelos conquistadores espanhóis. Nesse contexto, os relatos do conquistador Pascual de Andagoya (1495-1548) foram pioneiros e decisivos. Durante a sua passagem pelo Panamá, em 1522, ele afirma ter ouvido rumores sobre a existência de uma cidade nos Andes chamada Biru (expressão que estaria na origem da palavra Perú). Segundo Andagoya, a cidade conteria grande quantidade de ouro, o que fez com que Francisco Pizarro (1748-1541) empreendesse logo em seguida algumas campanhas de exploração na região (1524, 1526-1528) que culminaram com o fim do império Inca e, de passagem, garantiram aos espanhóis a apropriação de grande quantidade de ouro e prata.

O sucesso das campanhas de Pizarro instigou outros conquistadores a levantar âncora em busca de novos Eldorados. O mito do Eldorado variava assim de versão e, numa delas, relatada pelo cronista Fernandez de Oviedo (1478-1557), em 1541, não se tratava mais de uma cidade, mas de um homem denominado El-Dorado, senhor de muitas riquezas, que, segundo Oviedo, andava com o corpo encoberto de ouro em pó e todas as noites procedia a um ritual particular: ele se desfazia do ouro contido no seu corpo lavando-se num lago, para voltar a encobrir-se da matéria no dia seguinte e assim sucessivamente.

Outra declinação do mito menciona um ritual indígena segundo o qual um cacique encoberto de ouro em pó entraria num lago à noite e jogaria nas águas objetos de ouro como oferenda. Nas duas variantes, o lago passou a ser elemento constitutivo do mito. A partir de então, os relatos provenientes das expedições que pretendiam encontrar a mítica cidade, passaram a procurar o lago e estão na base de uma cartografia maravilhosa e imprecisa, como aquela realizada na virada do século XVI e XVII por Jodocus Hondius (1563-1612) (mapa 1), por exemplo.



Mapa 1: Jodocus Hondius, “Nieuwe caerte van het Wonderbaer ende Gondrjcke Landt Guiana”, 1598.

Fonte: Biblioteca Digital do Brasil

Dos Andes, a cidade e o lago migraram pouco a pouco para a bacia do Amazonas onde, segundo uma das versões do mito, ela se situaria às margens do lago Parima com o nome de Manoa do Eldorado.

A partir do século XVIII, a cartografia ligada à Amazônia se afasta gradativamente dos motivos míticos para apresentar dados mais precisos e concretos, como comprovam os mapas de Guillaume Delisle (1675-1726) (mapa 2), que representam um avanço em termos de geografia descritiva.



Mapa 2: Delisle, “Carte de la Terre ferme, du Pérou, du Brésil et du Pays des amazones”, 1703.

Fonte: Gallica.fr

As redes fluviais e os acidentes naturais são mais detalhados, as tribos cada vez mais recenseadas e as imagens maravilhosas vão desaparecendo. Ainda assim, no espaço onde Hondius localizou o lago Parima, Delisle se contenta em fazer uma simples menção: “C’est dans ce quartier que la plupart des auteurs placent le Lac Parime et la ville de Manoa del Dorado”⁵. Assim, mito do Eldorado fortaleceu algumas representações da Amazônia como um lugar de riquezas minerais e naturais ilimitáveis, em outras palavras, a “terra prometida”. Esse imaginário se reforça em períodos áureos como foi, por exemplo, o ciclo da borracha iniciado na segunda metade do século XIX.

Através do paralelo que traçamos entre mito e história, é possível afirmar que ao longo dos séculos ambos se cruzam e, por vezes, se confundem nos imaginários exógenos e endógenos em torno da Amazônia. O que leva as representações da região a oscilarem frequentemente entre o “inferno verde”, na emblemática expressão de

⁵ “É neste espaço que a maioria dos autores localizam o lago Parima e a cidade de Manoa do Eldorado”. Nossa tradução

Alberto Rangel (1871-1945)⁶ e o “paraíso verde”⁷ de Raimundo Morais (1872-1941). Já o imaginário da “terra prometida” foi muito utilizado pelo governo brasileiro durante a segunda metade do século XIX para tentar atrair imigrantes europeus e também serviu para alimentar a ficção literária no mesmo período. Notadamente, no momento em que a *intelligentsia* brasileira inicia o processo de criação de uma identidade coletiva e que a região amazônica passa a inspirar a literatura de ficção literária nacional.

3 Da ficção Amazônica

Na literatura muito se retratou a Amazônia como a expressão manifesta de um exotismo pitoresco. Basta lembrarmos do romance *La Jangada*, de Jules Verne, publicado em 1881, que apresenta ao público francês um lugar fascinante, com fauna e flora exuberantes e ricas, onde a odisséia amazônica tomava vida. No entanto, ao retratar a região com uma boa dose de exotismo literário⁸, Verne o fez sem apelar aos mitos. Muito pelo contrário, o autor foi desfazendo os resquícios de um imaginário fantástico que animou seus contemporâneos durante séculos. Na passagem que descrever a cidade de Manaus, por exemplo, o foco é colocado na negação do mito do Eldorado: “Vários viajantes mal informados confundiram-na com a famosa Manoa, cidade fantástica situada próximo ao legendário lago Parima. [...] Manaus não lembra nem de longe a mítica capital do El-Dorado” (1881: 81).

É válido lembrar que na segunda metade do século XIX, os avanços tecnológicos e científicos e o advento de uma nova ordem econômica mundial operaram no sentido de afastar as sociedades industrializadas das manifestações mais tradicionais. A literatura, obedecendo tal paradigma, ganhava nova roupagem com o surgimento do realismo seguido do naturalismo literário, ambos propondo uma visão objetiva das sociedades da época. Esse período coincide com o momento em que Amazônia atraía

⁶ Expressão que dá título à sua obra maior, publicada em 1908. Alberto Rangel, *Infêrno Verde : cenas e cenários do Amazonas*, Genova, S.A.I Cliches Celluloide Bacigalupi, 1908.

⁷ Expressão que serve de título a um capítulo da obra *Na Planície Amazônica* (1926), de Raimundo Morais.

⁸ Este termo é aqui utilizado no sentido dado por Jean Marc Moura “exotismo é um devaneio ligado a um espaço distante e que se realiza na escrita”. Jean-Marc Moura, *Lire l'exotisme*. (Paris, Dunod, 1992, 238 p., p. 4. Nossa tradução).

economicamente os olhares das grandes potências econômicas da altura, dos Estados Unidos e da Europa, devido à economia da borracha, matéria a qual a região detinha o monopólio mundial. Urgia então aproximá-la da civilização através de representações que a afastassem do lugar de não-civilização ao qual ela continuava sendo associada no resto do Brasil e do mundo.

A tentativa de dissipar certa visão mítica que se tinha da Amazônia foi tarefa que englobou a literatura de ficção, as narrativas de viagem e, de maneira mais abrangente, a imprensa. Assim, o exame das narrativas de viagem do século XIX, como as do explorador Henri Coudreau (1859-1899), por exemplo, que trabalhou intensamente na vulgarização da Amazônia na França, traria perspectivas interessantes. A análise da imprensa, espaço onde ocorreram grandes os debates nacionais da época, constituiria outro elemento relevante, mas trataremos aqui unicamente da ficção literária através de breve leitura da obra do escritor amazônico José Veríssimo (1857-1916).

Nascido em Óbidos, no Estado do Pará, José Veríssimo passou para a posteridade como um dos grandes críticos literários do século XIX. No entanto, ele produziu também importante material sobre a Amazônia na forma de ensaios e da obra ficcional intitulada *Cenas da Vida Amazônica*, publicada em 1886. Foi um dos pioneiros da ficção que se inspirou da região amazônica. A primeira edição da obra *Cenas da Vida Amazônica*, composta de quatro novelas e seis breves esboços, contém um ensaio de aproximadamente cem páginas intitulado “As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”. Nele um pouco da história, da geografia e, sobretudo, dos costumes e tradições dos habitantes da região são abordados. Várias informações contidas no ensaio foram em seguida utilizadas nas novelas que o sucedem.

Foi o caso, por exemplo, da novela intitulada “O Boto” que conta a história de Rosinha, jovem mestiça que se apaixona por um português chamado Antônio Bicudo e engravida deste antes de se casar. Após abandonar Rosinha, Bicudo morre num acidente e a moça, sob a pressão de uma sociedade tradicional do interior, não tem outra alternativa senão a de creditar a gravidez ao boto, golfinho rosa da Amazônia que,

segundo a tradição popular, se transfigura em homem para seduzir e engravidar as jovens.

Antes de figurar na novela, a lenda do boto e suas variações são explicadas detalhadamente na parte do ensaio destinado às crenças nativas. Mas, uma vez integrada na ficção, nenhum caráter maravilhoso surge: é o drama de uma jovem que caiu em desgraça que é posto em perspectiva. Nas outras novelas, trata-se igualmente de revelar dramas humanos – a história de uma criança em situação de escravidão, de um “voluntário” enviado à força para fazer a guerra do Paraguai ou ainda a dura vida dos seringueiros. Procedimento similar é utilizado quando o autor trata de explicar algumas expressões típicas da Amazônia, como *cuiambuca* (vaso feito do fruto da cuieira), *kiriri* (silêncio, sossego noturno), *maniçoba* (guisado composto com folhas de maniva) e *pacova* (nome de banana). As expressões são explicadas em detalhe na parte do ensaio dedicado à língua, que contém um glossário de quase cem palavras. Em seguida, alguns dos vocábulos são utilizados na parte ficcional da obra, como no trecho a seguir que descreve uma cena entre Rosinha, seu pai (Porfírio) e sua mãe (Feliciana):

Era meio dia; fazia grande calor e o jantar corria silencioso. O Sr. Porfírio atacou sucessivamente a carne cozida, o tambaqui moqueado, e um prato predileto seu, a **maniçoba**, preparado com mocotós de paca e grelos de mandioca, tudo ajudado de enorme quantidade de farinha, que, servindo-se da ponta dos dedos, à guisa de colher, lançava à boca, de longe, com perícia e certeza de indígena, não só adquirida pelo traquejo desde a primeira infância, mas herdada também dos avós. A moça servia-se da colher para atirar a farinha à boca e não o fazia com menos segurança que o pai. Ao fim do jantar, quando começavam a comer a sobremesa, umas enormes **pacovas** amarelas, acompanhadas ainda com muita farinha, Porfírio disse à mulher:

- Apronta as coisas que nós vamos à salga. Ela, sem outra reflexão; perguntou simplesmente:
- Adonde?
- No Paru. Já mandei dizer ao Antônio para trazer a canoa – ele dizia canua – e mantimento. Quero seguir o mais breve possível porque peixe é mato este ano, dizque. (Veríssimo, 1886: 97)

Quanto à paisagem amazônica, José Veríssimo oferece ao leitor uma paisagem muito mais rural do que silvícola, como a descrição de uma habitação às margens de um rio, de uma pequena fazenda ou de um cacau, como no excerto abaixo:

É uma casa de sítio.
No fundo um pequeno cacau bonito e frondoso.

Aos lados laranjeiras em flor espargindo na atmosfera a fragrância agradável de suas flores privilegiadas para coroarem as noivas, e árvores frutíferas ostentando seus saborosos frutos.

Em frente, ou no chão, ou sobre um jirau de madeira, vasos, paneiros, pedaços de panelas, restos de potes, cheios de flores.

A rosa e o bogarim, o cravo e o malmequer, saudades roxas e brancas – a beleza, o perfume, o sentimento e a cor.

Uma latada de jasmineiros junto à flor do casamento.

Passarinhos a trinar nas árvores, aves domésticas a cacarejar no terreiro.

A alegria e a vida, a saúde e a abundância. (Ib.: 251)

Com exceção de alguns elementos da fauna e da flora amazônicas que proporcionam o que Roland Barthes chamou de *efeito de real*⁹ (1968: 84-89), a paisagem em questão poderia pertencer a qualquer região do Brasil ou do mundo. Essa vontade de transformar a paisagem amazônica numa paisagem universal possibilitava aos leitores ter acesso a representações daquela paisagem que não se encontravam mais nos extremos das visões antonímicas do inferno ou paraíso. Permitindo esse contraponto, José Veríssimo distanciava a região de um lugar de mítico ou selvagem para aproximá-la de um lugar de promessa, promessa de uma paisagem pitoresca, promessa de uma natureza exuberante, promessa de uma região com alto potencial de exploração, mas, sobretudo, promessa de um lugar de civilização.

Como conclusão, podemos afirmar que a análise da formação dos principais mitos “amazônicos” nos permite certificar que os relatos de viagem tiveram importância inegável para a construção, a atualização e a consolidação dos imaginários nacionais e estrangeiros relacionados à Amazônia. Convém assinalar também que a escrita da história amazônica muito reteve do discurso europeu. Como prova, foi o mito europeu das Amazonas que deu nome ao maior rio da América e, em seguida, a uma região inteira. Os esforços de escritores como José Veríssimo vão no sentido de propor uma outra visão da região, menos exótica e selvagem, certo, mas que é também tributária dos imaginários estrangeiros. Os processos de representações exógenas do homem e da natureza amazônica mudam de forma, sem deixar de lado os imaginários arquetípicos ligados à região e, assim, pouco levam em conta a visão e a percepção dos povos autóctones sobre sua própria realidade, a sua própria história e sua própria cultura.

⁹ Elementos cuja função é corroborar a impressão de que o texto fornece uma descrição do mundo real.

Essa mudança de perspectiva poderia permitir a abertura para uma descolonização dos imaginários sobre a Amazônia.

TRABALHOS CITADOS

Barthes, Roland. L'effet de réel. *Communications*, v. 1, n. 1, p. 84-89, 1968.

[En ligne : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1968_num_11_1_1158].

Cascudo, Câmara, *Dicionário do folclore brasileiro*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

Condamine, Charles de la. *Relation abrégé d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale*. Paris : Veuve Pissot, 1745.

Denis, Ferdinand. *Le monde enchanté : cosmographie et histoire naturelle fantastiques du moyen âge*. Paris : A. Fournier, 1843.

Brunel, Pierre (Ed.). *Dictionnaire des mythes littéraires*. Nouv. ed. Aum. Monaco : Éditions du Rocher, 1994. 1504 p.

Durand, Gilbert. *L'imaginaire : essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris : Hatier, 1994.

Gondim, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2.ed. Manaus, AM: Valer, 2007.

Humboldt, Alexander de. *Examen critique de l'histoire et de la géographie du Nouveau Monde*. Paris : A. Pihan de la Forest, 1836. t.1.

Koch-Grünberg, Theodor. Mitos e lendas dos Índios Taulipang e Arekuna (ed. orig. Mythen und legender der Taulipang und Arekuna indianer, 1924). *Revista do Museu Paulista*, trad. Henrique Roenick, n. 7, nova série, p. 9-202, 1953.

Le Tourneau, François-Michel. *L'Amazonie: histoire, géographie, environnement*. Paris: CNRS éditions, 2019. 524 p.

Lestringant, Frank. *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*. Paris : Michel, 1991. 270 p. (Coll. Bibliothèque de Synthèse).

Lissarrague, François ; Schmitt-Pantel, Pauline. Amazonas, entre peur et rêve. In : _____. *Réalité et représentations des Amazones*. Paris : L'Harmattan, 2008. p. 486.

Mindlin, Betty. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rosa dos Tempos, 1997. 303 p.

Moura, Jean-Marc. *Lire l'exotisme*. Paris : Dunod, 1992. 238 p.

Rangel, Alberto. *Infêrno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Genova: S.A.I Cliches Celluloide Bacigalupi, 1908.

Reis, Artur César Ferreira. *A Amazônia que os portugueses revelaram*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

Veríssimo, José. *Cenas da vida amazônica (com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia)*. Lisboa: Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

Verne, Jules. *La Jangada: huit cents lieues sur l'Amazonie*. Paris : J. Hetzel, 1881. 2 v.

Wunenburger, Jean-Jacques. *L'imaginaire*. Paris : PUF, 2016.

Nataly Jollant é Doutora em Literatura e Civilização Brasileira pela Universidade Sorbonne Nouvelle. Sua tese, defendida em 2019, intitula-se *L'Amazonie Comme Identité, Géographie Imaginaire et Cartographie Littéraire au Brésil du XIX^e siècle: le vécu au service de l'imaginaire*. Possui mestrado em estudos lusófonos (2014) e licenciatura em português-comunicação (2012) obtidos na mesma Universidade. É membro associada do Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (CREPAL) e da Association pour la Recherche sur le Brésil en Europe (ARBRE). Interessa-se pelos estudos que buscam analisar os processos de construção identitária e cultural no Brasil do século XIX. A abordagem abrange várias disciplinas - história, literatura, geografia, etnologia - e engloba narrativas de viagem, literatura regionalista, imprensa e literatura de ficção estrangeira. Áreas de pesquisa: Amazônia, identidade nacional, imaginário, narrativas de viagem, ficção regionalista. E-mail: nataly.jollant@gmail.com

Artigo recebido em 24/09/2020. Aprovado em 06/11/2020.